

Reação à Palestra de R. Pietrantonio

Prasanna K. Samuel

Considero um grande privilégio o fato de ter sido convocada para reagir à palestra “A Liberdade Cristã e os Processos Históricos de Libertação”, de meu irmão Ricardo.

Ele sustenta com razão que, em última análise, a teologia está relacionada com a “existência humana”. Também é verdade que a práxis e a realidade contam quando fazemos nossa teologia.

Sua observação de que a opressão leva à libertação é correta, porém pode-se perguntar: “É a opressão uma condição prévia necessária da libertação?” Ricardo destaca com razão a ambigüidade dos processos de libertação. Eles nem sempre são puros e claros.

A tese de Ricardo baseia-se na antropologia de Lutero e em seu conceito de liberdade cristã. Achei muito estimulante sua interpretação criativa de Lutero. É um exemplo muito bom de hermenêutica teológica contextual. É dessa nova leitura de Lutero que as igrejas precisam hoje em dia.

Como deveria a Igreja reagir à sociedade? Ricardo volta, com razão, à concepção de Lutero a respeito dos três muros, a saber, o poder da Igreja de sua época sobre o Estado, a incapacidade do povo de usar o poder da Bíblia e a incapacidade da Igreja de decidir em questões de vida e missão. Em sua vida, Lutero lutou para derrubar esses muros. Afirmou o sacerdócio de todos os crentes. Hoje em dia a situação está mudada. A Igreja já não tem qualquer poder sobre o Estado. A Bíblia está aberta para todos. E as igrejas têm condições de decidir a respeito de sua vida e missão. No entanto, a pobreza e a opressão continuam. Temos que colocar as pessoas no centro de nossa teologia. Precisamos de teologias do povo ao invés de dogmáticas da Igreja. Temos que redescobrir o ensinamento de Lutero sobre o sacerdócio de todos os crentes e seu significado para nossos tempos. A Igreja ainda é excessivamente hierárquica e centralizada. O que deveria importar não é Genebra, e sim o Brasil, a Índia e assim por diante.

O irmão Ricardo enfatiza com razão a relação dialética existente entre liberdade e serviço. Também observa — corretamente, em minha opinião — que a liberdade é uma variante da justificação pela fé.

Certamente concordo com ele no sentido de que Lutero não pode ser acusado de capitalismo.

O irmão Ricardo distingue entre as pessoas que vivem pela doutrina da justificação pela fé e as que vivem pela doutrina do “mérito”, sustentando que as primeiras “alcançaram um grau de desenvolvimento que acarre-

tou um melhor nível de vida para seu povo”. Como alguém proveniente de um país em que há pluralismo religioso, acho difícil aceitar essa afirmação. O hinduísmo tem sua própria doutrina de *karma* (obras) e *punya* (mérito), mas há hindus ricos e desenvolvidos e hindus pobres e não-desenvolvidos ou subdesenvolvidos. A situação parece ser mais complexa do que admite a classificação de Ricardo. Tenho certeza de que o irmão Ricardo não quer apresentar a tese de que os pobres são pobres porque dependem de “mérito”. Desta forma não podemos explicar a preferência da Bíblia pelos pobres.

O irmão Ricardo usou muito bem o contraste que Lutero estabelece entre “fé” e “obras”. Ao mesmo tempo, porém, acho que se deveria tentar relacionar o conceito de “obras” em Lutero com nosso trabalho cotidiano — o trabalho real.

Uma última pergunta: uma palestra sobre os “processos históricos de libertação” não deveria dizer alguma coisa sobre a libertação das mulheres? O cativo delas atravessa classes, credos e castas. O que tem a tradição luterana a dizer sobre isto?